

ROBERTO BOLAÑO

CONTOS COMPLETOS



cavalo de ferro

Uma Aventura Literária

1.

El Conforno del Ojo (18)

Leprince (7)

69

• Sennini (17)

• Enrique Martín (15)

Uma aventura literária (12) Adiós, mi Lupe

Me alegra que me hayas en pregunta última Entrevista

DETECTIVES

2.

• El fumero (13)

71

William Burrows (9)

La Nieve (17)

Llamadas telefónicas (6)

Otro cuento suizo (5)

• Detectives (21)

← El Tercer General

POTAS ASESINAS

3.

Compañeros de Celda (12)

Clara (11)

Vida de Anne Moore (30)

Johnny Silvestri (16)

Potas Asesinas (16)

85

225

ÍNDICE

TELEFONEMAS

Telefonemas

Sensini	15
Henri Simon Leprince	30
Enrique Martín	36
Uma aventura literária	50
Telefonemas	60

Detectives

A Lagarta	67
A neve	79
Outro conto russo	95
William Burns	99
Detectives	107

Vida de Anne Moore

Companheiros de cela	129
Clara	139
Joanna Silvestri	149
Vida de Anne Moore	163

PUTAS ASSASSINAS

O Olho Silva	193
Gómez Palacio	206
Últimos entardeceres na Terra.....	215
Dias de 1978	238
Vagabundo em França e na Bélgica.....	251
Prefiguração de Lalo Cura	265
Putas assassinas	279
O regresso	293
Buba.....	308
Dentista.....	332
Fotografias	352
Cartão de dança	360
Encontro com Enrique Lihn.....	368

O GAÚCHO INSUPORTÁVEL

Jim	379
O gaúcho insuportável.....	382
O polícia das ratazanas.....	408
A viagem de Álvaro Rousselot	432
Dois contos católicos.....	451
Literatura + doença = doença.....	465
Os mitos de Cthulhu.....	483

O SEGREDO DO MAL

<i>Nota da edição original</i>	499
O velho da montanha.....	501
As Jornadas do Caos.....	504
Não sei ler	506
Sábios de Sodoma	513
Labirinto	518

Morte de Ulises	536
Bronzeado	543
Músculos.....	547
Crimes	559
Praia	566
O bairro Lindavista	571
Daniela	577
O segredo do mal	579
O filho do coronel.....	582
A digressão.....	595
O provocador	598
O quarto do lado	601

O CONTORNO DO OLHO
(DIÁRIO DO OFICIAL CHINÊS CHEN HUO DENG, 1980)

<i>Nota da edição original</i>	606
O contorno do olho.....	607

*Quem melhor do que você pode
compreender o meu terror?*

TCHÉKHOV

Para Carolina López

Telefonemas

SENSINI

A forma como a minha amizade com Sensini se desenvolveu foi, sem dúvida, fora do habitual. Naquela época, eu tinha vinte e muitos anos e estava mais teso do que um carapau. Vivia nos arredores de Girona, numa casa em ruínas que a minha irmã e o meu cunhado me tinham deixado depois de partirem para o México, e acabara de perder um trabalho como guarda-nocturno num parque de campismo de Barcelona, o que acentuara a minha tendência para não dormir durante as noites. Quase não tinha amigos e a única coisa que fazia era escrever e dar longos passeios que começavam às sete da tarde, depois de acordar, momento em que o meu corpo experimentava algo semelhante ao *jet-lag*, uma sensação de estar e não estar, de distância em relação ao que me rodeava, de indefinida fragilidade. Vivia com o que poupara durante o Verão e, embora quase não tivesse gastos, as minhas poupanças iam mirrando com o passar do Outono. Talvez tenha sido isso que me levou a participar no Concurso Nacional de Literatura de Alcoy, aberto a escritores de língua castelhana, qualquer que fosse a sua nacionalidade e local de residência. O prémio dividia-se em três modalidades: poesia, conto e ensaio. Pensei inicialmente em apresentar-me em poesia, mas enviar para a luta com os leões (ou com as hienas) aquilo que melhor fazia pareceu-me indecoroso. Depois pensei em apresentar-me em ensaio, mas quando me enviaram o regulamento descobri que este deveria versar sobre Alcoy, as suas redondezas, a sua história, os seus homens ilustres, a sua projecção no futuro e isso era algo que me ultrapassava. Decidi, assim, apresentar-me em conto e

enviei em triplicado o melhor que tinha (não tinha muitos) e fiquei sentado à espera.

Quando saiu a decisão do prémio, estava a trabalhar como vendedor ambulante numa feira de artesanato onde absolutamente ninguém vendia artesanato. Obtive a terceira menção honrosa e dez mil pesetas que a Câmara Municipal de Alcoy me pagou religiosamente. Pouco depois, chegou-me o livro, no qual não escasseavam as gralhas, com o vencedor e os seis finalistas. Como é óbvio, o meu conto era melhor do que aquele que conquistara o grande prémio, o que me fez mal-dizer o júri e dizer a mim mesmo que, enfim, é o que está sempre a acontecer. Mas o que realmente me surpreendeu foi encontrar no mesmo livro Luis Antonio Sensini, o escritor argentino, segunda menção honrosa, com um conto em que o narrador ia para o campo e o filho morria por lá ou com um conto em que o narrador ia para o campo porque o filho morrera na cidade, não era muito claro, a verdade é que no campo, um campo plano e mais para o ermo, o filho do narrador continuava a morrer, enfim, o conto era claustrofóbico, muito ao estilo de Sensini, dos grandes espaços geográficos de Sensini que de repente encolhiam até ficarem do tamanho de um caixão, e superior ao vencedor e à primeira menção honrosa e também superior à terceira menção honrosa e à quarta, quinta e sexta.

Não sei o que me levou a pedir à Câmara Municipal de Alcoy a morada de Sensini. Eu lera um romance seu e alguns dos seus contos em revistas latino-americanas. O romance era dos que ganham leitores. Chamava-se *Ugarte* e abordava alguns momentos da vida de Juan de Ugarte, burocrata no vice-reino do Rio da Prata em finais do século XVIII. Alguns críticos, sobretudo espanhóis, tinham-no desconsiderado dizendo que se tratava de uma espécie de Kafka colonial, mas o romance foi ganhando aos poucos os seus próprios leitores e, quando deparei com Sensini no livro de contos de Alcoy, *Ugarte* contava com uns quantos fervorosos leitores distribuídos por vários cantos da América e de Espanha, quase todos amigos ou inimigos gratuitos entre si. Sensini, como é óbvio, tinha outros livros, publicados na Argentina ou em editoras espanholas desaparecidas, e pertencia àquela geração intermédia de escritores nascidos nos anos vinte,

depois de Cortázar, Bioy, Sabato, Mujica Lainez, e cujo expoente mais conhecido (pelo menos na altura, pelo menos para mim) era Haroldo Conti, *desaparecido* num dos campos especiais da ditadura de Videla e seus sequazes. Dessa geração (embora a palavra «geração» seja porventura excessiva) pouco restava, se bem que não por falta de brilhantismo ou talento; seguidores de Roberto Arlt, jornalistas e professores e tradutores, anunciaram de certa forma o que viria a seguir, tendo-o anunciado à sua triste e céptica maneira que acabaria por os engolir a todos.

Eu gostava deles. Numa fase distante da minha vida, lera as obras de teatro de Abelardo Castillo, os contos de Rodolfo Walsh (assassinado pela ditadura à semelhança de Conti), os contos de Daniel Moyano, leituras parciais e fragmentadas que as revistas argentinas ou mexicanas ou cubanas proporcionavam, livros encontrados nos alfarrabistas da Cidade do México, antologias piratas da literatura bonaerense, provavelmente a melhor deste século em língua espanhola, literatura da qual eles faziam parte e que não era de todo a de Borges ou Cortázar e que Manuel Puig e Osvaldo Soriano não demorariam a deixar para trás, mas que oferecia ao leitor textos compactos, inteligentes, que propiciavam a cumplicidade e a alegria. O meu preferido, escusado será dizê-lo, era Sensini, e o facto um tanto revoltante e um tanto lisonjeiro de o encontrar num concurso literário de província impeliu-me a tentar estabelecer contacto com ele, saudá-lo, dizer-lhe o quanto o apreciava.

Assim sendo, a Câmara Municipal de Alcoy não demorou a enviar-me o endereço dele, vivia em Madrid, e uma noite, depois de jantar ou almoçar ou lanchar, escrevi-lhe uma longa carta na qual falava de *Ugarte*, dos seus outros contos que lera em revistas, de mim, da minha casa nos arredores de Girona, do concurso literário (ria-me do vencedor), da situação política chilena e argentina (ambas as ditaduras estavam ainda bem implantadas), dos contos de Walsh (que era o outro que eu mais apreciava, a par de Sensini), da vida em Espanha e da vida em geral. Contra a minha expectativa, recebi uma carta sua apenas uma semana depois. Começava por me agradecer a minha, dizia que, de facto, a Câmara Municipal de Alcoy também lhe enviara o livro

com os contos galardoados, mas que, ao contrário de mim, ele não encontrara tempo (embora depois, ao voltar por portas travessas ao mesmo tema, tivesse dito que não encontrara *ânimo suficiente*) para reler o conto vencedor e as menções honrosas, embora por esses dias tivesse lido o meu e o tivesse achado com qualidade, «um conto de primeira ordem», dizia, ainda guardo a carta, e instava-me ao mesmo tempo a perseverar, só que não, como percebi ao início, a perseverar na escrita, mas a perseverar nos concursos, algo que ele, segundo me assegurava, também faria. Passava, acto contínuo, a perguntar-me pelos certames literários que «se desenhavam no horizonte», encomiando-me que o informasse assim que soubesse de algum. Como contrapartida, enviava-me as moradas de dois concursos de contos, um em Plasencia e outro em Écija, de vinte e cinco mil e trinta mil pesetas respectivamente, cujos regulamentos, conforme pude comprovar mais tarde, retirava de jornais e revistas madrilenhas cuja mera existência era um crime ou um milagre, depende. Ambos os concursos estavam ainda ao meu alcance e Sensini acabava a carta de um modo até entusiasta, como se ambos estivéssemos na faixa de saída de uma estrada interminável, bem como dura e sem sentido. «Coragem e mãos à obra», dizia.

Lembro-me de ter pensado: que carta estranha, recorro que reli alguns capítulos de *Ugarte*, foi por essa altura que apareceram os vendedores ambulantes de livros na praça dos cinemas de Girona, pessoas que montavam as suas tendas ao redor da praça e que na sua maioria tinham para oferecer *stocks* invendíveis, os fundos de catálogo de editoras que tinham falido pouco antes, livros sobre a Segunda Guerra Mundial, romances de amor e de *cowboys*, colecções de postais. Numa das tendas, encontrei um livro de contos de Sensini e comprei-o. Estava como novo — *era*, de facto, um livro novo, desses que as editoras vendem a preço de saldo às únicas pessoas que despacham esse material, os ambulantes, quando já nenhuma livraria, nenhum distribuidor quer pôr as mãos nesse fogo — e essa semana foi uma semana Sensini em todos os sentidos. Às vezes relia pela centésima vez a sua carta, noutras vezes folheava *Ugarte*, e se pretendesse acção, novidade, lia os seus contos. Estes, embora se debruçassem sobre uma

gama variada de temas e situações, desenvolviam-se em geral no campo, na pampa, e eram o que, pelo menos antigamente, se chamavam histórias de homens a cavalo. Ou seja, histórias de gente armada, desafortunada, solitária ou com um peculiar sentido de sociabilidade. Tudo o que em *Ugarte* era frieza, um pulso preciso de neurocirurgião, no livro de contos era calidez, paisagens que se afastavam do leitor muito lentamente (e que por vezes se afastavam *com* o leitor), personagens corajosas e à deriva.

Não cheguei a participar no concurso de Plasencia, mas no de Écija, sim. Logo que pus os exemplares do meu conto (pseudónimo: Aloysius Acker) no correio, percebi que, se ficasse à espera do resultado, as coisas só podiam piorar. Como tal, decidi procurar outros concursos e, de passagem, cumprir com o pedido de Sensini. Dediquei os dias seguintes, quando ia a Girona, a correr os jornais atrasados à procura de informação: nalguns ocupavam uma coluna junto dos mexericos de sociedade, noutros apareciam entre *faits divers* e desporto, o mais sério de todos colocava-os a meio caminho entre a informação meteorológica e as notas necrológicas, nenhum, claro, nas páginas culturais. Descobri, além do mais, uma revista da Generalitat que, entre bolsas, intercâmbios, anúncios de emprego, cursos de pós-graduação, introduzia anúncios de concursos literários, a maioria de âmbito catalão e em língua catalã, embora nem todos. Depressa arranjei três concursos que estavam a decorrer e nos quais eu e Sensini podíamos participar, tendo-lhe escrito uma carta.

Como sempre, a resposta veio na volta do correio. A carta de Sensini era breve. Respondia a algumas das minhas perguntas, a maioria delas relacionadas com o seu livro de contos recém-comprado, e anexava por sua vez as fotocópias dos regulamentos de outros três concursos de conto, um deles patrocinado pelas Ferrovias do Estado, prémio gordo e dez finalistas a cinquenta mil pesetas por cabeça, dizia textualmente, quem não concorrer não ganha, que ninguém se fique pela intenção. Respondi dizendo-lhe que não tinha contos suficientes para cobrir os seis concursos em andamento, mas tentei sobretudo tocar noutros temas, a carta fugiu-me da mão, falei-lhe de viagens, amores perdidos, Walsh, Conti, Francisco Urendo, perguntei-lhe por

Gelman, que ele conhecia certamente, acabei por lhe contar a minha história por capítulos, sempre que falo com argentinos acabo por me enredar no tango e no labirinto, é o que acontece a muitos chilenos.

A resposta de Sensini foi pontual e extensa, pelo menos no que respeitava à produção e aos concursos. Numa folha escrita a um só espaço e em ambas as faces, expunha uma espécie de estratégia geral relativamente aos prémios literários de província. Falo-lhe por experiência, dizia. A carta começava por santificá-los (nunca percebi se a sério ou na brincadeira), fonte de rendimentos que ajudavam ao sustento diário. Ao referir-se às entidades patrocinadoras, municípios e caixas económicas, dizia «essa boa gente que acredita na literatura», ou «esses leitores puros e um pouco forçados». Não tinha, ao invés, nenhuma ilusão relativamente à informação da «boa gente», os leitores que previsivelmente (ou não tão previsivelmente) consumiriam aqueles livros invisíveis. Insistia para que participasse no maior número possível de prémios, embora sugerisse que, como medida de precaução, alterasse o título dos contos se, por exemplo, entrasse com um único em três concursos cujas decisões coincidissem nas mesmas datas. Expunha como exemplo disso mesmo o seu conto «Ao Amanhecer», conto que eu não conhecia, e que ele enviara para vários certames literários quase de forma experimental, como o coelhinho das Índias destinado a experimentar os efeitos de uma vacina desconhecida. No primeiro concurso, o mais bem pago, «Ao Amanhecer» foi como «Ao Amanhecer», no segundo concurso apresentou-se como «Os Gaúchos», no terceiro concurso o seu título era «Na Outra Pampa, e no último chamava-se «Sem Remorsos». Ganhou no segundo e no último, e com o dinheiro obtido em ambos os prémios conseguiu pagar um mês e meio de renda, os preços em Madrid estavam estratosféricos. Naturalmente, ninguém se apercebeu de que «Os Gaúchos» e «Sem Remorsos» eram o mesmo conto com o título alterado, embora existisse sempre o risco de se cruzar com um mesmo jurado em mais de uma disputa, ofício singular que era exercido de forma obstinada em Espanha por uma plêiade de escritores e poetas menores ou autores laureados em festividades anteriores. O mundo da literatura é terrível, além de ridículo, dizia. E acrescentava que nem sequer o encontro

repetido com um mesmo jurado constituía efectivamente um perigo, pois estes geralmente não liam as obras apresentadas ou liam-nas por alto ou liam-nas pela metade. E, além disso, dizia, sabe-se lá se «Os Gaúchos» e «Sem Remorsos» não serão dois contos distintos cuja singularidade residirá precisamente no título. Parecidos, muito parecidos até, mas distintos. Concluía a carta enfatizando que o ideal seria fazer outra coisa, por exemplo viver e escrever em Buenos Aires, poucas eram as dúvidas que tinha sobre essa questão, mas que a realidade era a realidade, era preciso ganhar o pão e, por agora, a saída era essa. É como passear pela geografia espanhola, dizia. Vou fazer sessenta anos, mas sinto-me como se tivesse vinte e cinco, afirmava no fim da carta ou talvez no pós-escrito. Ao início pareceu-me uma declaração tristíssima, mas quando a li pela segunda ou terceira vez compreendi que era como se estivesse a dizer-me: quantos anos tens tu, miúdo? A minha resposta, lembro-me, foi imediata. Disse-lhe que tinha vinte e oito, mais três do que ele. Nessa manhã, foi como se tivesse recuperado, se não a felicidade, ao menos a energia, uma energia que se assemelhava muito ao humor, um humor que se assemelhava muito à memória.

Não me dediquei, como Sensini me sugeria, aos concursos de contos, embora tenha participado nos últimos que entre mim e ele descobríamos. Não venci em nenhum, Sensini voltou a bisar em Don Benito e Écija, com um conto que originalmente se intitulava «Os Sabres» e que em Écija se chamou «Duas Espadas» e em Don Benito «O Corte Mais Fundo». E venceu uma menção honrosa no prémio das ferrovias, o que lhe proporcionou não só dinheiro como também um passe para viajar durante um ano pela rede da Renfe.

Com o tempo, fui sabendo mais coisas acerca dele. Vivia num apartamento de Madrid com a mulher e a filha única, de dezassete anos, chamada Miranda. Um outro filho, do primeiro casamento, andava perdido pela América Latina ou assim queria ele acreditar. Chamava-se Gregorio, tinha trinta e cinco anos, era jornalista. Às vezes, Sensini falava-me das suas diligências junto de organismos humanitários ou ligados aos departamentos de direitos humanos da União Europeia para investigar o paradeiro de Gregorio. Nessas ocasiões, as cartas

Os contos de Roberto Bolaño, mestre na forma curta, condensam todo o universo literário do autor, um dos mais insurgentes e singulares das letras contemporâneas. São histórias povoadas por personagens em constante errância, das franjas da América Latina às cidades espectrais da Europa: poetas obscuros, criminosos moralmente ambíguos, mulheres enigmáticas, exilados em busca de um lugar só seu.

Como num plano previamente desenhado pelo autor, um «campo minado» legado aos seus leitores, personagens e fios narrativos entrelaçam-se compondo uma espécie de ficção total, um organismo vivo, que abre incontáveis possibilidades de associação com as suas partes e o restante da sua obra, como são exemplo as aparições em vários destes textos dos famosos detectives selvagens Belano e Ulisses Lima, ou a ligação entre o primeiro e o último conto, jogos literários que somente uma leitura continuada, num único volume, pode proporcionar.

Organizado por ordem cronológica, *Contos Completos* inclui todos os contos escritos por Bolaño: quer os volumes já publicados (*Telefonemas* e *Putas Assassinas*), agora em nova tradução, quer os inéditos em Portugal (*O Gaúcho Insuportável*, *O Segredo do Mal* e *O Contorno do Olho*), revelando a potência de uma voz que irrompeu como uma novidade e sacudiu o cânone literário tornando-se um fenómeno mundial.

«Em Bolaño, a literatura é uma forma de boémia, marginalidade ou combate; ou então o combate, a boémia e a marginalidade é que se fazem matéria literária.»

Pedro Mexia, *Expresso*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

cavalodeferro

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-551-9



9 789895 895519